

A FAMÍLIA DA CRIANÇA CONSIDERADA “PROBLEMA” NA ESCOLA

FAMILY OF CHILDREN CONSIDERED TO BE PROBLEMATIC AT SCHOOL

LA FAMILIA DEL NIÑO CONSIDERADO PROBLEMÁTICO EN LA ESCUELA

Suzane de Fátima do Vale Tavares¹
Sâmya Aguiar Lôbo²
Fernanda Araújo Rios³
Ana Ruth Macedo Monteiro⁴
Natalia Rocha Comaru⁵

RESUMO

Neste estudo descritivo/exploratório, buscou-se conhecer a estrutura familiar da criança considerada problema na escola. Foram entrevistadas 13 famílias de 14 crianças, consideradas problemas, de uma escola. Percebeu-se que grande parte dos entrevistados possui casa própria, com pequena estrutura física e precárias condições de higiene. O tipo de família prevalente é biparental. As categorias que emergiram dos discursos foram: pais ausentes, criação, ociosidade das crianças, assiduidade às aulas. Considera-se que há vasto campo para a promoção da saúde mental que, integrada à rede de saúde da família, pode oferecer à família aportes necessários para o enfrentamento das mais variadas situações do cotidiano. É notória a necessidade de o enfermeiro perceber o ambiente familiar como campo de ação, com vista à melhoria da qualidade das relações familiares.

Palavras-chave: Família; Relações Familiares; Saúde Mental; Promoção da Saúde; Enfermagem.

ABSTRACT

This study aims to recognize the family structure of children considered to be problematic at school. It is a descriptive and exploratory study in which 13 families of 14 children were interviewed. Most of them owned, although small, a house where they lived in poor hygiene conditions. The prevalent type of family was biparental. The categories that emerged from the speeches were: absent parents, upbringing, idle children and school assistance. We consider there are great possibilities of promoting mental health which, integrated to the family health centre, may help the families to face different daily situations. In order to improve family relationships we highlight the importance that the nursing professional sees the familial environment as a field of action.

Key words: Family; Family Relations; Mental Health; Health Promotion; Nursing.

RESUMEN

El presente estudio busca conocer la estructura familiar de los niños considerados como problemas en la escuela. Se realizaron entrevistas a 13 familias de 14 niños considerados problemáticas en una escuela. Se notó que gran parte de los entrevistados contaba con vivienda propia pequeña con condiciones de higiene precarias. El tipo de familia que predominaba era la “biparental”. Las categorías que emergieron de los discursos fueron: padres ausentes, creación, ociosidad de los niños, frecuencia a las clases. Se considera que hay un amplio campo para promover la salud mental que, integrada a la red de salud de la familia, puede ofrecerle a la familia la ayuda necesaria para enfrentar las más variadas situaciones del cotidiano. Es notable la necesidad del enfermero de percibir el entorno familiar como campo de actuación, con vistas a mejorar la calidad de las relaciones familiares.

Palabras clave: Familia; Relaciones Familiares; Salud Mental; Promoción de la Salud; Enfermería.

¹ Acadêmica de enfermagem do 9º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista FUNCAP e membro efetivo do GRUPESS/UECE. E-mail: suzane_tavares@hotmail.com.

² Acadêmica de enfermagem do 8º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista CNPq e membro efetivo do Grupo de Pesquisa Educação Saúde e Sociedade (GRUPESS/UECE). E-mail: samya_lobo@hotmail.com.

³ Acadêmica de enfermagem do 9º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista CNPq e membro efetivo do Grupo de Pesquisa Educação Saúde e Sociedade (GRUPESS/UECE). E-mail: nanda_rios86@hotmail.com.

⁴ Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem(UECE e FAMETRO) e do Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos-CMACCLIS(UECE). Enfermeira do Hospital de Messejana(SES), Fortaleza-CE. Pesquisadora do GRUPESS. E-mail: anaruthmacedo@yahoo.com.br.

⁵ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Pesquisadora do (GRUPESS). Endereço para correspondência – E-mail: nataliarocha.ce@superig.com.br.

INTRODUÇÃO

A criança tem, inicialmente, como referência para sua socialização a família e, posteriormente, a escola, que colaboram para a formação e o desenvolvimento dessa criança, influenciando-a na forma de pensar e perceber o mundo, na maneira de se ver e de ver os outros, bem como no estilo de vida que adotará para melhor compreender sua realidade.

Como primeiro contato social, o indivíduo tem a família. A mãe, o pai, ou a pessoa que cuida, os irmãos, muitas vezes os tios e avós, colaboram na formação social desse ser. Essa relação, geralmente única, nos primeiros anos de vida da criança, estabelece laços afetivos que são, de algum modo, definitivos.

É notória a importância da família no processo ensino-aprendizagem desenvolvido pelas escolas. A criança que percebe uma afinidade entre sua família e a escola tende a se sentir mais segura e, naturalmente, a apresentar melhor desempenho nas atividades acadêmicas. As mudanças na família afetam a sociedade e, particularmente, a educação dos filhos, refletindo, também, nas atividades desenvolvidas pela escola.¹

A estruturação familiar é elemento primordial para o desenvolvimento motor, cognitivo e, principalmente, afetivo-social da criança. Existem alguns fatores de risco relacionados a ela que podem interferir na adequada evolução biopsicossocial infantil, como famílias baseadas em uma distribuição desigual de autoridade e poder, nas quais não há diferenciação de papéis, havendo um apagamento de limites; famílias com um nível de tensão permanente manifestado por dificuldade do diálogo e agressividade; famílias que se encontram em situação de crise ou perda; famílias nas quais há ausência ou pouca manifestação positiva de afeto entre os membros; dentre outros.²

A criança considerada problema pode refletir um comportamento experienciado na família, na comunidade e na escola da qual faz parte. E esse é um momento que dá oportunidade a uma ação mediadora, no sentido de proporcionar a esse ser assistência para que possa encontrar alternativa para solucionar sua situação.

A enfermagem, diante dessas questões, deve perceber a oportunidade para intervir junto à família na socialização da criança, buscando encontrar suas vulnerabilidades e percebendo a família como partícipe no desenvolvimento social e cognitivo infantil.

Diante do exposto, pode-se perceber a necessidade de caracterizar as famílias das crianças consideradas problemas na escola, visto que a estruturação familiar é fundamental para a formação biopsicossocial do ser humano.

METODOLOGIA

Este é um estudo descritivo/exploratório que visa coletar descrições detalhadas de variáveis e utilizar esses dados

para justificar e avaliar condições e práticas correntes ou elaborar planos coerentes para melhorar as práticas de atenção à saúde.³

Nesta pesquisa, privilegia-se a abordagem qualitativa na análise dos indicadores, ou seja, o intento é ir à essência dos dados, descrevendo e interpretando a realidade como é vista pelos participantes do estudo.⁴

O estudo foi desenvolvido em um bairro da periferia do Município de Fortaleza-CE, próximo a uma escola municipal, de onde foram selecionadas as crianças. Na escola funcionam da 1ª à 5ª série do ensino fundamental, nos turnos da manhã e tarde.

Na primeira etapa desta pesquisa, foram entregues formulários para as professoras das turmas da 1ª à 5ª série do turno da manhã, de uma escola pública do município de Fortaleza, para identificação das crianças consideradas por elas como problema na escola. Os critérios utilizados para essa identificação foram estabelecidos pelas professoras, que indicaram 14 crianças, que correspondem a 13 famílias, participantes da segunda etapa deste estudo. Desse total, foram realizadas apenas nove entrevistas, pois quatro crianças não foram encontradas, já que o endereço contido no cadastro da escola estava desatualizado e um pai se recusou a participar da entrevista.

O instrumento para a coleta de dados foi o formulário, que, por ser aplicado pelo pesquisador, requer menos gastos, já que não precisa de treinamento com pessoas para a realização da coleta de dados.⁵

O formulário previamente elaborado continha dados da criança, do entrevistado e da família da criança, bem como a descrição do dia da criança na família e de como era a criação dela.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), conforme é exigido pela Resolução nº 196/96 sobre pesquisa com seres humanos, respeitando a liberdade de participação e conservando o anonimato dos participantes.⁵

Inicialmente, fez-se contato com a escola e, mediante o acesso ao cadastro das crianças consideradas problema, foram preenchidos os formulários de cada criança, tendo-se procedido a visitas domiciliares para a realização das entrevistas. Nas visitas, surgiram algumas dificuldades, como a localização das ruas, o difícil acesso a algumas delas e a desatualização do cadastro da escola em relação a alguns endereços, o que impossibilitou a realização da coleta total dos dados. Registre-se, ainda, a falta de condições ideais para a realização das entrevistas nos domicílios, em razão do ambiente barulhento e da presença de outras pessoas ali, o que afetava a concentração e a privacidade dos entrevistados.

Para preservar a identidade das crianças e facilitar a análise dos dados, elas foram identificadas por letras de A a I.

RESULTADOS

São crianças com idade entre 9 e 14 anos, que cursam do 3º ao 6º ano. Durante as entrevistas, pôde-se perceber que, em sua maioria, essas crianças são consideradas pelos pais ou responsáveis como desobedientes, rebeldes e desinteressadas pelos estudos. Algumas delas foram consideradas introvertidas e com dificuldade de aprendizagem.

O desenvolvimento dos problemas teve uma concepção multifatorial: o ambiente familiar apresentou práticas de socialização violenta, exposição a modelos adultos agressivos, falta de afeto materno, conflitos entre pais. Tais práticas podem estar associadas a um contexto social adverso, marcado pela dificuldade econômica e estressores psicossociais incidindo sobre a família e a criança.⁶

CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

• Família da criança A

A moradia é própria, com dez compartimentos, onde residem quatro pessoas. A casa não tem portão de entrada, o que afeta a segurança da família. Na frente da casa, encontravam-se várias garrafas vazias de bebida alcoólica, pois no turno da noite a mãe da criança A possui uma barraca de vender churrasco. A família é monoparental, sendo composta por mãe e duas irmãs. A criança A é filha adotiva de uma tia.

Houve dificuldade de comunicação com a mãe dessa criança. Ela não demonstrava interesse em responder à entrevista, dando apenas respostas monossilábicas. Pode-se perceber certa resistência na sua recepção, além de ter sido observado que, na criação, a mãe a superprotegia, demonstrando não ter autoridade com a criança e caracterizando-a como desobediente.

A vida moderna exige da mulher maior participação social. O papel de mãe faz parte do contexto social, que exige da mulher corresponder às expectativas desse contexto, nesse papel. As mulheres, ao saírem de casa para trabalhar, estão modificando suas experiências de forma ampla, e os efeitos em longo prazo das mudanças ocorridas nos papéis das mulheres, muitas vezes, mostram que elas não suprem todas as necessidades da criança, o que lhes causa frustração e influi no seu nível de estresse.⁷

Nesse sentido, há dificuldades em perceber o grau de desenvolvimento dos filhos e o estabelecimento de limites fica bastante difícil. Um limite extremamente rígido ou extremamente frouxo prejudica o desenvolvimento socioemocional da criança.⁸

• Família da criança B

Moradia própria, com três compartimentos, onde residem seis pessoas. As condições de higiene são precárias, com sujidades e presença de insetos. A casa é escura e tem odor fétido. A família é monoparental, composta por mãe e cinco filhos.

A mãe não estava presente, porém a avó respondeu com simpatia. Ela se referia à criança fazendo comparação

com os outros netos e colocando-a em uma posição de inferioridade. A criança disse que sentia falta dos pais, pois a mãe era ausente da criação e o pai, alcoólatra, não vivia na mesma casa que ela, sendo a responsabilidade da criação quase toda da avó, pessoa com quem a criança passava a maior parte do dia.

Esse contexto familiar foca a atenção sobre algumas questões bastante interessantes. É no espaço familiar que as crianças experimentam as primeiras identificações e se apropriam de um modelo de família. A falta de atenção dos pais com relação aos filhos e a deficiência dos valores familiares e das normas de convivência social fazem com que o estabelecimento de limites fique seriamente prejudicado.⁸

• Família da criança C

Moradia própria, com um compartimento, onde residem seis pessoas. São péssimas as condições de higiene e a casa é escura e baixa. O banheiro é externo, dividido entre todos os habitantes do "cortiço" familiar. Família biparental, composta por pai, mãe e três irmãos. Os pais possuem união estável e dividem os deveres e os cuidados com os filhos.

A mãe foi bastante receptiva, apesar de, no momento em que a entrevista foi realizada, estar nos afazeres domésticos. Demonstrou timidez, porém respondeu a todos os questionamentos, mostrando interesse em buscar ajuda para o filho.

• Família da criança D e H

Essas duas crianças moram na mesma casa. A moradia é própria, com oito compartimentos, onde residem oito pessoas. A casa tem as condições mínimas de higiene.

As crianças D e H são neta e filha, respectivamente, da mesma pessoa, a qual cuida das duas, passando a maior parte do dia com elas. Família biparental, composta por mãe, pai, nove irmãos e uma sobrinha. A mãe da criança D, por falta de condições financeiras, entregou os cuidados da filha à avó.

A pessoa que respondeu à entrevista é, respectivamente, avó e a mãe das crianças D e H, sendo ela a responsável pela criação das duas crianças. Foi bastante receptiva, acrescentando mais informações do que era questionado. Pode-se perceber forte característica matriarcal. Mesmo a família sendo numerosa, ela consegue dar atenção a todos e fazer os serviços domésticos.

• Família da criança E

A moradia é própria, com nove compartimentos, onde residem cinco pessoas. São precárias as condições de higiene e há muitos insetos. A família é biparental, composta por mãe, pai e sete irmãos.

Durante a entrevista, a mãe não estava presente, tendo a irmã adolescente respondido às perguntas. Por não ser ela a responsável pela criança, pareceu não dar

importância ao que lhe era questionado, respondendo apenas o mínimo, não se comportando com seriedade. A adolescente era quem passava a maior parte do dia com os irmãos e sobrinhos, o que não parecia ser benéfico para ambas as partes.

• **Família da criança F**

A casa é alugada e tem quatro compartimentos, onde residem cinco pessoas. São boas as condições de higiene. Família biparental, composta por mãe, pai e dois irmãos. A criança F é filho adotivo.

A mãe respondeu com simpatia a todas as perguntas, mostrando-se interessada na pesquisa e em encontrar melhoras para a criação do filho. Esta se apresentava bastante preocupada com a criança, acreditava que o mau comportamento do filho decorria do fato de este ser adotivo, não conseguindo lidar bem com essa situação.

• **Família da criança G**

A casa é própria, tem 13 compartimentos, onde residem 10 pessoas. São péssimas as condições de higiene. Animais convivem juntos com as crianças. Família

monoparental, composta de mãe, avó, dois irmãos, tios e primos.

Foi a avó quem respondeu à entrevista, sendo bastante receptiva. É a avó a pessoa responsável pela criação dos netos nos momentos em que a mãe não está em casa. A avó mostrou-se bastante autoritária e severa em relação ao comportamento dos netos. Disse que a mãe também reprime as atitudes erradas do filho com agressões físicas.

• **Família da criança I**

Moradia própria, com três compartimentos, onde residem cinco pessoas. Casa com boas condições de higiene. A família é biparental, composta por mãe, padrasto e dois irmãos.

Na recepção, a mãe mostrou-se bastante receosa, mas, durante a entrevista, ficou mais à vontade, respondendo com entusiasmo às questões. Mostrou preocupação em relação ao fato de o filho apresentar déficit de aprendizagem, não tendo condições financeiras para ajudar o filho, nem se sentindo capaz de fazê-lo. O pai é ausente da criação, morando distante do filho e tendo pouco contato com ele.

QUADRO 1 – Comparação entre a visão dos professores e a visão da família – Fortaleza, 2008

	Visão dos professores	Visão da família
Criança A	Déficit na aprendizagem, agressivo, hiperativo, conflitos familiares.	Desobediente.
Criança B	Déficit na aprendizagem, introvertido, conflitos familiares.	Desobediente.
Criança C	Déficit na aprendizagem, agressivo.	Introvertida.
Criança D*	Déficit na aprendizagem, agressivo, introvertido.	Desobediente.
Criança E	Déficit na aprendizagem.	Rebelde.
Criança F	Déficit na aprendizagem, agressivo, introvertido, conflitos familiares.	Desobediente, rebelde.
Criança G	Déficit na aprendizagem, agressivo, hiperativo, introvertido, conflitos familiares.	Déficit na aprendizagem, desobediente, rebelde.
Criança H*	Déficit na aprendizagem, introvertido, conflitos familiares.	Déficit de aprendizagem, introvertido, desobediente.
Criança I	Déficit de aprendizagem.	Déficit de aprendizagem, rebelde.

* São da mesma família.

Pode-se concluir, ao comparar os conceitos dos professores com os da família em relação às crianças, que a maioria não convergiu, apresentando apenas dois casos – crianças He I – em que há semelhança de conceitos. Essa diferença de visão entre familiares e professoras decorre da mudança de comportamento que as crianças apresentam quando se encontram em casa ou na escola. Isso pode acontecer pelo fato de algumas crianças considerarem a escola não como um lugar de estudo, mas de diversão, não tendo o respeito aos professores, diferentemente do comportamento que têm em casa.

Outro motivo que contribui para essa diferença de visão é que, em sua maioria, essas crianças, no período do dia, quando não estão em aula, passam a maior parte do tempo na rua ou na casa de colegas, o que contribui para que os pais não saibam quais atividades estão sendo exercidas pelos filhos.

Das nove entrevistas realizadas, três têm como responsáveis pela criação as avós, que demonstraram a mesma rigidez e severidade com que cuidaram dos seus filhos, impondo os mesmos limites e responsabilidades aos netos. Foi observado que o papel de avó foi substituído pelo de mãe, não havendo diferença na criação das crianças que eram educadas pela mãe ou pela avó.

A vida urbana contemporânea exige cada vez mais a presença dos avós na escola, trazendo e levando os netos. Por tê-los tão próximos, foram considerados como a família possível, com vista a um trabalho pedagógico mais satisfatório com as crianças.¹

A presença dos avós no contexto escolar como mediadores das relações educativas é muito significativa. Ao se sentirem valorizados e apoiados, estimulam os netos na aprendizagem e na adaptação escolar. Colaboram por se sentirem motivados, satisfeitos e, sobretudo, assumem a necessidade de ajudar os netos de forma concreta, gerando resultados positivos para toda a família.¹

Durante a realização deste estudo, os avós constituíram elementos mediadores, exercendo, de forma efetiva, sua função, dando respaldo aos netos para que enfrentem as adversidades vividas com os desentendimentos ou a ausência dos pais, fortalecendo os laços familiares e os valores que permeiam cada família.

Na maioria das entrevistas, foi notada a desestruturação familiar e as precárias condições do lugar onde vivem as famílias, fato que pode estar relacionado com a atitude das crianças em permanecerem fora de casa quando não estão na escola. A estrutura precária não proporciona um ambiente adequado para que as crianças estudem, sendo pouco iluminado, sem privacidade e tranquilidade para a realização de suas atividades escolares.

Todas as casas dos entrevistados localizavam-se em região próxima à escola e não apresentava quase nenhuma estrutura de pavimentação.

Grande parte dos entrevistados possui casa própria, de pequena estrutura física e com poucos cômodos em relação à quantidade de pessoas que lá residem.

Durante as entrevistas, questionou-se a quem da família a criança era mais próxima e verificou-se que a mãe foi a mais citada. Isso talvez decorra do fato de que são as mães que passam a maior parte do tempo com as crianças, sendo, assim, o maior referencial.

O apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. Cabe ressaltar que tanto o vínculo afetivo como o apego são estados internos. Os comportamentos de apego, por sua vez, são observáveis e organizados nas interações das crianças com seus cuidadores, permitindo que a criança consiga ter e manter a proximidade.⁹ Segundo a Teoria do Apego,⁹ a qualidade do apego dependerá da natureza das interações adulto-criança.

Vale ressaltar a importância de os pais estabelecerem vínculos seguros com os filhos, para que esses se tornem adultos confiantes e com elevada autoestima.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

• Pais ausentes

Grande parte das entrevistas foi realizada com a representante feminina da família, pelo fato de o pai passar o dia fora de casa trabalhando ou por não morar na mesma casa que a criança. Dentre as quatro entrevistas que não puderam ser realizadas, uma delas foi porque o pai se recusou a responder, o que pode denotar a falta de envolvimento deste com a educação dos filhos.

Os filhos que não convivem com os pais podem ter seu sistema emocional fragilizado quando não há compensação por outro membro familiar que assuma esse papel. De acordo com a questão cultural em que são demarcados os papéis de pai e de mãe, ele tem função de sustentar financeiramente a família e de estabelecer limites. Nos casos de ausência dos pais, a mãe fica com a responsabilidade dos dois papéis, o que a sobrecarrega financeira e emocionalmente.

A ausência do pai da criança afeta negativamente seu acesso aos inúmeros bens e serviços necessários à sua sobrevivência, como o acesso à saúde e ao bom estado nutricional¹⁰:

O pai dele não ajuda em nada, não dá dinheiro, não vem ver ele. (Avó da criança G)

Ele nunca ajuda em nada. Uma única vez que ajudou foi com R\$10,00 e nem deu para comprar todos os remédios para o menino. Às vezes, eu ligo pra ele, ele fica de vir aqui visitar e não aparece e o menino fica esperando; ele fica é triste. (Mãe da criança I)

Estudos recentes mostraram associação entre características familiares e o risco de problemas emocionais e de comportamento da criança, sendo o desemprego na família e a separação dos pais os fatores mais importantes nesse aumento de risco¹¹:

A gente se separou faz um tempo. O pai não é presente não; eu sou o pai e a mãe dele. (Mãe da criança A)

Ela sente é muita falta do pai. Ele mora lá no Eusébio; ela demora é muito a ver ele e, quando vê, ele só tá 'bebo'. (Avó da criança B)

Ela vê pouco o pai dela. De vez em quando ele vem aqui e leva ela lá na casa dele, mas traz de volta no mesmo dia. (Avó da criança D)

A ausência dos pais pode afetar diretamente a saúde mental das crianças, desencadeando inseguranças, temores e incertezas.¹²

Observou-se que nas famílias em que os pais não viviam na mesma casa que a criança estas apresentavam grande carência afetiva, emocional e financeira, o que pode resultar em dificuldade no decurso de socialização e no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

• Criação

Quando a criança desobedece ou faz algo errado, a maioria dos entrevistados afirmou que reclama e pune fisicamente (castiga ou bate). Algumas das mães pareciam estar receosas de dizer que agridem fisicamente os filhos, mas a maioria sentiu liberdade para falar.

No outro dia, sabe quantas chineladas a mãe dele deu nele porque ele tirou meus vales de eu ir pro Maracanaú (oito vales de trem)? A mãe dele deu 33 chineladas. Ele chorou foi muito, mas, quando sou eu que bato nele, ele não tem medo, não. Ele fica encarando. (Avó da criança G)

Quando ela teima, coloco de castigo, fica de joelho no milho. (Avó da criança D)

Nas más-criações dela, a mãe dela bate, bota de castigo, briga. (Avó da criança B)

Bato mesmo; fez alguma coisa errada eu bato. (Mãe da criança I)

Um rapaz de quatorze anos viver levando peia, né? ou então de castigo, a gente reclama, mas tem hora que dá vontade de bater mesmo. (Mãe da criança A)

Quando os maus-tratos estão presentes, podem ser observados prejuízos à criança em curto e em longo prazo, incluindo danos à saúde em geral e problemas de saúde mental (ansiedade, depressão, isolamento social, transtorno de conduta). Outras consequências da violência física contra as crianças incluem atrasos no desenvolvimento cognitivo, déficit intelectual e fracasso escolar.¹³

Pode-se perceber que são poucas as mães que usam outro recurso para orientar e repreender. Isso pode ser consequência da maneira de como foram criadas e/ou influência do sofrimento psíquico evidenciado pelas condições socioeconômicas vivenciadas.

• Ociosidade das crianças

Durante as entrevistas, nota-se que, no período em que as crianças não estão em sala de aula, elas ficam muito ociosas dentro de casa, fato ressaltado pelos cuidadores e que também pode ser visto nas falas a seguir:

Que a professora diz que é bom sempre botar as crianças pra fazer alguma coisa que é pra não ficar só brincando. (Avó da criança D)

Aí inventou de ir fazer a tarefa na escola, fazer uns trabalhos, aí eu cortei porque tava mentindo; eu achando que ele tava na escola, quando na realidade ele não estava. (Mãe da criança F)

Vai se deitar, ou então vai assistir televisão; se puder passa o dia assistindo... (Mãe da criança H)

De tarde, se der trela, minha filha, já tá no meio da rua, aí volta só quando a mãe dele está pertinho de chegar e senta e fica assistindo televisão. (Mãe da criança G)

Depois vai brincar lá fora, ou vai para o video game, ele passa mais o dia no video game do que em casa. (Mãe da criança C)

Depois do colégio, só faz brincar; se traz dever, não faz. (Avó da criança B)

O suporte ao desenvolvimento reflete uma disposição dos pais para investir tempo e recursos em arranjos de vida familiar, que tem como objetivo o crescimento dos filhos em sentido amplo, aliada à preocupação de adequar esses recursos a cada um e à priorização de atividade de lazer na qual os filhos estejam incluídos. Aqueles pais que compartilham com a criança parte do seu tempo livre, proporcionando-lhe um elenco de atividades culturais e educacionais enriquecedoras, seja no lar, seja na comunidade, favorecem o desenvolvimento cognitivo, o desempenho escolar e o ajustamento interpessoal.¹⁴

Essa ociosidade pode decorrer de vários fatores, como a falta de ambiente adequado ou mesmo de espaço físico suficiente para poderem ficar em casa e a falta de disciplina em relação aos estudos, a qual não é estabelecida pelos pais, ou quando é esta não é devidamente cobrada. Muitas vezes, em razão do alto nível de estresse dentro de casa, o clima é tenso e não é propício para as crianças, por isso elas preferem passar a maior parte do tempo fora de casa, como alternativa para fugir um pouco da realidade de vida familiar.

Outro fator importante que influencia na ociosidade é a ausência de atividade recreativa, esportiva ou de reforço escolar, consequência da falta de políticas públicas eficazes. Os pais sentem falta de atividades que possam ser promovidas pela escola para ocupar o tempo livre das crianças, já que eles não possuem condições financeiras de colocar seus filhos em atividades particulares.

• Assiduidade às aulas

Percebeu-se nas falas dos cuidadores das crianças que elas faltam muito às aulas por diversos motivos. Quando faltam às aulas para fazerem outras atividades desconhecidas pelos pais, isso provoca insatisfação neles. Pode-se observar isso nos depoimentos abaixo:

Às vezes vai pro colégio, às vezes não vai... Gosta nada de estudar, se gostasse todo dia ia, né? (Avó da criança B)

Ele falta muito, tem um problema de alergia. (Mãe da criança C)

Um dia desses a professora veio me perguntar por que ele tava faltando tanto, quando descobri ele tava matando aula pra ir tomar banho na lagoa perto da escola. (Avó da criança G)

Estudos realizados com crianças com dificuldades na escola comprovam que o sentimento de inutilidade parece estar relacionado às críticas dos professores (e da mãe) e à nota baixa. A baixa frequência dos alunos às aulas pode decorrer do tédio que afirmam sentir durante as aulas, uma vez que têm dificuldade em se manterem em atividade ou ficarem quietos no lugar. Alguns relataram que se levantam e outros, que arranjam desculpas para sair da classe.¹⁵

Os motivos mais citados pelos responsáveis foram a falta de interesse pelos estudos, a preguiça, motivos de doença e brincadeiras na rua. O déficit de aprendizagem que muitas dessas crianças apresentam pode fazer com que elas se sintam desestimuladas em relação aos estudos, o que poderá contribuir tanto para a não assiduidade à escola quanto para a não disposição em executar as tarefas escolares em casa.

Muitas vezes os pais não estabelecem disciplina com relação aos estudos deixando a criança decidir ir ou não à escola, por não poderem, pelas próprias condições socioeconômicas e de vida, acompanhar mais de perto a educação e a criação de seu filho. Como a criança ainda não tem discernimento suficiente para decidir sobre a adesão à escola, precisa ser orientada e acompanhada com relação a essa importância, devendo ser estimulada para isso.

REFERÊNCIAS

1. Nunes DG, Vilarinho LRG. "Família possível" na relação escola-comunidade. *Psicol Esc Educ*. 2001 dez; 5(2): 21-9.
2. Brasil. Ministério da Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.
3. Wood GL, Haber J. *Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001. 330p.
4. Leopardi MT. *Metodologia da Pesquisa na Saúde*. 2ª ed. Santa Maria: Pallotti; 2001. 189p.
5. Fortes PAC. *Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, tomada ou decisões, autonomia e direitos do paciente: estudo de casos*. São Paulo: EPU; 1998. 119p.
6. Ferreira MCT, Marturano EM. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicol Reflex Crit*. 2002; 15(1): 35-44.
7. Sprovieri, MHS. Estresse, Alexitimia e Dinâmica Familiar do paciente autista: um estudo comparativo. [Citado 2010 jan. 24]. Disponível em http://www.psiquiatriainfantil.com.br/teses/maria_helena_sprovieri/pagina9.html.

Vale ressaltar que a presença efetiva da mãe ou da pessoa que cuida na vida diária da criança influencia nas atitudes adotadas por este ser ainda em formação. E o aqui evidenciado, reflexo da sociedade, é que as mães precisam estar ausentes da vida familiar para prover as condições mínimas de sustento para os seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, em sua maioria, as crianças eram mais vinculadas às mães, mesmo estando ausentes, pois a mãe se caracteriza como a figura mais forte na vida de uma criança por oferecer os aportes necessários à vida dela, sendo, assim, o seu maior referencial. Em sua maioria, as famílias são monoparentais e a mãe assume a função de única provedora, apresentando dificuldade em educar os filhos, em muitos casos tendo de delegar aos outros essa função, o que pode estar influenciando o comportamento das crianças.

Pode-se perceber a presença de alguns tipos de maus-tratos na criação das crianças, o que pode trazer consequências, como atrasos no desenvolvimento cognitivo, déficit intelectual e fracasso escolar.

A maioria dos pais revela que sente falta de atividades que a escola pode promover para ocupar o tempo livre das crianças, já que eles não possuem condições financeiras de colocar os filhos em atividades extraescolares, o que evidencia a necessidade de políticas públicas para atender essa clientela.

Então, percebe-se um vasto campo para a promoção da saúde mental que, integrada à rede de Saúde da Família, pode, com suporte na atuação de uma equipe multidisciplinar, oferecer à família os aportes necessários para o enfretamento das mais variadas situações que vivenciam cotidianamente, inclusive a de orientar e estimular seus filhos, com vista ao atendimento das suas necessidade humanas.

Assim, viu-se a necessidade de a enfermagem perceber o ambiente familiar como campo de ação para promover intervenções que visem ao melhor desenvolvimento das relações familiares e do campo biopsicossocial infantil.

8. Muza GM, Costa MP. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes. *Cad Saúde Pública*. 2002 jan./fev; 18(1): 321-8.
9. Ribas AFP, Moura MLS. Responsividade Materna e Teoria do Apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicol Reflex Crit*. 2004; 17(3): 315-22.
10. Carvalhaes MABL, Benicio MHA. Capacidade materna de cuidar e desnutrição infantil. *Rev Saúde Pública*. 2002; 36(2): 188-97.
11. Halpern R, Figueiras ACM. Influências ambientais na saúde da criança. *J Pediatría (Rio J)*. 2004; 80(2):104-10
12. Silva KL., Silva, ATMC., Nóbrega, MML., Ferreiral Filha, MO. Influence of psychosociais needs in the mental health of the children. *Online Braz J Nurs (Online)*. (OBJN-ISSN 1676-4285) [online] 2004 December; 3(3).
13. Vitolo YLC, Bilyk BF, Goodman R, Bordin IAS. Crenças e atitudes educativas dos pais e problemas de saúde de metal em escolares. *Rev Saúde Pública*. 2005; 39(5):716-24.
14. Bradley RH, Corwyn RF. Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*. 2002; 53:371-99.
15. Enumo SRF, Ferrao ES, Ribeiro MPL. Crianças com dificuldade de aprendizagem e a escola: emoções e saúde em foco. *Estud Psicol (Campinas)*. 2006; 23(2): 139-49.

Data de submissão: 22/6/2009

Data de aprovação: 17/3/2010